

**IV JORNADA SUL-BRASILEIRA DE CARTÉIS**  
**2021**  
**MARÍLIA PAIVA DE MAGALHÃES**

**Sexuação e escolha objetal**

Gostaria de iniciar esse produto falando sobre como me interessei pelo tema *Sexuação e escolha objetal*. Encontro como ponta pé inicial questionar a minha identidade de gênero no começo da minha análise pessoal, me identificando como uma pessoa andrógina, no qual não se refere a ser homem ou mulher, mas sim ser feminino e masculino, o que atualmente condiz uma redefinição como um ser não-binário, o que transgride a normatividade do campo analítico no contexto contemporâneo. A partir disso, iniciei minha trajetória em psicanálise.

Logo que me deparo com a teoria freudiana acerca da sexualidade e feminilidade, começo meu primeiro cartel — *Feminino e Psicanálise* — no qual partimos do pressuposto de feminino como sinônimo de mulher, não qualquer uma, mas uma mulher branca, cisgênera e heterossexual. Com isso, começo a questionar, que feminino é esse? Que história é essa que se detém acerca do que é a mulher e o que ela quer? Muitos — senão todos os analistas — investigam isso há dois séculos, mas falar sobre o que é o homem, cisgênero, heterossexual, branco, burguês, europeu, está sendo pouco pautado, colocando do lado masculino o pressuposto de um homem, assim como o feminino, que é o que Freud propôs nas *diferenças anatômicas entre os sexos*, sendo a masculinidade significado de um ser ativo, enquanto feminilidade ao ser passivo.

Ainda Freud, destina três saídas edipianas para a mulher: a feminilidade, o complexo de masculinidade e a inibição. A mulher é um enigma, castrada, que se inscreve como não-toda na função fálica e com isso não existe — pensando através das fórmulas da sexuação em Lacan — que possui um gozo outro, pois goza com o corpo todo e não apenas com o órgão genital, como o homem. Freud retrata o complexo de Édipo a partir de uma perspectiva normativa, propondo a inversão do complexo àqueles que transgridem a cisheteronorma, se referindo a um desvio sexual, patologizando-os, fora da norma neurótica. Com isso, podemos pensar em como a sexualidade se torna uma forma de repressão e controle dos corpos, não é à toa que Foucault (1980) aponta essas problemáticas de Freud.

Logo, no seminário 18 - *De um discurso que não fosse semblante*, Lacan considera

o homem e a mulher como semblantes, sendo que o discurso é de semblante, e o discurso é uma maneira de organizar o gozo, pensando que o gozo se elabora a partir de um semblante. O homem só pode ser homem através de um significante — o falo — enquanto que a mulher ocupa seu lugar na relação sexual na qualidade de uma mulher, ou seja, o sujeito existe onde existe discurso. Com isso, a relação sexual não existe, pois cada um se relaciona com a sua fantasia, com aquilo que se idealiza em si no outro, e a mulher não existe por não ter um significante próprio, marcada pela ausência do falo, ou como propõe Thamy Ayouch a presença da vagina.

Foi através desse cartel, desse encontro entre um laço que se faz nas diferenças, em que pude expandir alguns incômodos e problemáticas já reparadas na teoria psicanalítica, compartilhando desses mesmos incômodos foi construído um percurso subversivo ao que se possa chamar de um grupo que estuda apenas Psicanálise — um cartel — para ir para outros campos, da filosofia e teoria social, estudos de gênero e teoria queer, me convoquei a subverter esse estudo da teoria constante como ponto de formação de analistas.

Em falar em formação, é outra problemática que encontro nesse percurso, em estar entre os pares (ou parceria, por se encontrar nas diferenças) estudando sobre a clínica, principais conceitos psicanalíticos, a formação de analista, enquanto que as questões sociais nos invade a todo momento, enquanto ser humano, indivíduo, pessoa, cidadão e não apenas sujeito. A política não está apenas em se deparar como uma política de analistas, mas em relação a situação do nosso país, de como nos posicionamos, e nos colocamos, comemos, sentimos, consumimos, economizamos, isso tudo é político.

A maneira com que a sexualidade atravessa cada um e como na contemporaneidade isso está numa constante mutação, a considerar como plural, sendo as sexualidades, os gêneros, e formas de se relacionar, e ter um corpo também é político. Assim como nos racializar enquanto brancos, conscientizar de tais privilégios que perpassam por essa cultura, racista e hegemônica, dentro dos consultórios, dentro dos encontros das escolas de Psicanálise, de muitos feminismos que por vezes é excludente.

Isso tudo remete ao lugar de fala, como ao falar sobre as transidentidades a partir do seu lugar enquanto cisgênero, enquanto um analista cis. Falar de racismo a partir da branquitude. Como é ser cis, como é ser branco, como é ser hetero, como é ser elitista dentro do fazer analítico de uma cultura contemporânea? Como Rita Segato aponta, “que psicanalistas somos nós?” Lacan mesmo nos convoca a considerar a subjetividade da nossa

época para poder nos conscientizar da nossa normatividade estrutural e que somos seres em constante mutação, e isso inclui estar em crise em amplo sentido — é o que Preciado me provocou ao ler e assistir sua intervenção em 2019 na Causa Freudiana, no qual foi chamado para discursar sobre o feminino na Psicanálise — uma crise da epistemologia desde 1940, que inclui as diferenças sexuais, e não só. Crise essa que nos atravessa, sendo existencial, emocional, política, econômica.

Preciado foi um dos autores que me despertou a aprofundar e apontar as problemáticas do campo psicanalítico, ele reflete nesse discurso, que se tornou um livro posteriormente, chamado *Yo soy el monstruo que os habla: informe para una academia de psicoanalistas (2021)*. Seu discurso como um todo me chamou atenção para refletir que analista somos, o que é isso que reproduzimos há séculos. Com isso trago uma passagem do filósofo, sobre o que já constatei nesse produto:

Vocês não podem seguir falando do complexo de Édipo ou do Nome-do-Pai em uma sociedade onde as mulheres são objeto de feminicídios, onde as vítimas da violência patriarcal se expressam por denunciar a seus pais, maridos, chefes, namorados; onde as mulheres denunciam a política institucionalizada de violação; ou onde milhões de corpos descem às ruas para denunciar agressões homofóbicas, e as mortes, quase cotidianas, de mulheres trans, assim como as formas institucionalizadas de racismo.

Com isso, Preciado complementa “É chegado o momento de colocar o divã na praça e de coletivizar a palavra, de politizar o inconsciente.” Através desse discurso tão impactante, algo que acrescentaria a problemática analítica é o elitismo, em nos questionar o quanto o fazer analítico é acessível, e de que forma poderíamos pensar nas clínicas públicas e periféricas, considerando que o valor da análise é impagável, e ainda se paga com a palavra para não pagar com o corpo.

O que Preciado propõe não é uma destruição da Psicanálise, assim como Butler e Foucault quando problematizam o campo analítico, mas sim uma desconstrução como conceitua Derrida, uma reelaboração, ou como aprendemos com Freud, é preciso recordar para não repetir, para então reelaborar. Pensando numa reelaboração, existem analistas que iniciaram o movimento de repensar a Psicanálise clássica, como Patrícia Porchat, no qual aborda no livro ‘*Relações de gênero e escutas clínicas (2021)*’, com o capítulo: *De onde escuto? De Freud e Lacan e Foucault e Deleuze e...* ainda aborda o livro de Thamy Ayouch (Psicanálise e Hibridez: Gênero, colonialidade e subjetivações, 2019), em que apresenta a forma de pensar as subjetivações, propondo

tentar construir instrumentos metapsicológicos capazes de dar conta da especificidade das identificações e experiências contemporâneas dos gêneros, sexualidades e diferenças culturais, e

compreender a sua singularidade para além da normatividade social e política da binaridade de gênero ou da universalidade cultural (AYOUCH, 2019, pp. 26-27).

É preciso considerar a subjetividade no contexto contemporâneo acerca dos gêneros e sexualidades. Eduardo Leal Cunha (2021) no mesmo livro citado, sob o título do capítulo *Sobre macacos, cyborgs, e transexuais: a Psicanálise e os limites do humano*, escreve: “o que pode fazer um analista e o que se passa em uma análise que se faz em torno de um sujeito que se apresenta como monstro, que se sujeita a ser monstruoso (...)?” Ele se refere a fala de Preciado, o mesmo que propõe uma decolonização do fazer analítico. Um analista que se coloca como imparcial frente a uma norma patriarcal, centrada e elitista, faz aliança com o capitalismo, com o colonialismo, com o machismo, com o narcisismo da branquitude, uma vez que, se faz apolítico, neutro, normativo e colonial, retrata José Stona e Fernanda Carrion no livro *O cis no divã* (2021).

Bom, para finalizar, penso no que podemos aproveitar no ensino de Lacan. Então ele acentua em 1974 que “o ser sexual só se autoriza por si só e por alguns outros” (p. 187). Isso faz parte da constituição do sujeito, uma construção de si mesmo, que acontece psiquicamente, socialmente e culturalmente. Em seguida ele propõe que “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (p. 321). Para isso, deve-se considerar o contexto contemporâneo e a cultura, em que vivemos numa constante mutação, transformação e desconstrução. Contudo, deve-se considerar a subjetividade como algo singular de cada um, o que Lacan propõe sobre a identificação.

A identidade é pensada a partir de um nome próprio, direito de cada sujeito, com base no que Lacan (1961-62) se refere no *Seminário 9 - A Identificação*, dando importância à letra, tornando-se anos depois como litoral entre o real e o simbólico. O prenome inclusive é uma forma de individualizar o sujeito dentro do âmbito familiar, diferenciando do nome-do-pai. Com isso, Lacan trabalhou o traço unário, no qual a escrita deixa de ser figurativa e torna a representar um significante, no que se encontra sozinho, o Um. É essa a diferença introduzida no real, feita um a um, um único traço. Portanto, a primeira coisa a se fazer para assegurar o ser de sua existência é fazer com que ele exista, dando um nome. O ser se cria, e é isso que Lacan propõe no seu ensino, uma teoria criacionista, se diferenciando de Freud como uma teoria evolutiva. Aliás, é Alfredo Eidelsztein (2020)

quem propõe desambiguar o freudolacanismo, outra problemática no campo analítico.

## Referências

- Alberti, S., & Quinet, A. (2019). *Sexuação e Identidades. Identidades, Identificação, o Nome.*
- Ayouch, T. (2015). *Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica.* Curitiba: CRV.
- Colette Soler (2005). *O que Lacan dizia das mulheres. Histeria e feminilidade.*
- Freud, S. (2016). *Obras Completas: Três ensaios sobre A teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (" O caso Dora") e outros textos:(1901-1905).* Companhia das Letras.
- Freud, S. (1925). *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, 19, 271-286.*
- Freud, S. (1924). *A dissolução do complexo de Édipo. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIX.*
- Lacan, J. (1972-73). *O Seminário 20 - Mais, ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1938). *Os complexos familiares na formação do indivíduo—ensaio de uma função em psicologia.* Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1938). *Nomes-do-pai.* Campo Freudiano Ed.
- Lacan, J. (1971). *Seminário 18 – De um discurso que não fosse semblante.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1961-62). *Seminário 9 - A identificação.* Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Paul B. Preciado (2019). *Intervenção na 49ª Jornada da Escola Da Causa Freudiana*
- Pacheco, A. L. P. (2017). *Feminilidade e experiência psicanalítica.* São Paulo: Aller Editora.

## REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- Ayouch, T. (2019). *Psicanálise e Hibridez: gênero, colonialidade e subjetivações.* Calligraphie Editora, Campo Magro- PR.
- Derrida, J. (1973). *Gramatologia.* São Paulo: Perspectiva.
- Eidelsztein, A. (2020). *A origem do sujeito em Psicanálise.* 1ª ed. Série Ensaio Psicanalíticos. São Paulo: Toro Editora.
- Foucault, M. (1980). *História da sexualidade 1: A vontade de saber.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- Lacan, J. (1966). *Função e campo da fala e da linguagem.* In *Escritos.* Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1998.
- Lacan, J. (1974). *Les non-dupes errent.* Paris, FR: AFI. Recuperado de: <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-les-non-dupes-errent-1973-1974>.
- Preciado, P., B. (2021) *Yo soy el monstruo que os habla: Informe para una academia de psicoanalistas.* Nuevo cuadernos anagrama. Barcelona.
- Segato, R., L. (2006). *O Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça.* Série antropologia, (400), Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.
- Stona, J. & Carrion, F. (2021). *O Cis no Divã.* Editora Devires, Salvador-BA, 1ª edição.
- Stona, J. (Organizador). (2021). *Relações de Gênero e Escutas Clínicas.* 1ª edição. Salvador-BA. Editora Devires.